



Universidade de Brasília

**FACULDADE UnB PLANALTINA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS**

Diálogos sobre sexualidade: Um estudo a partir das dúvidas de adolescentes

Rosimary Oliveira da Silva
ORIENTADORA: Dra. Juliana Eugênia Caixeta

**Planaltina - DF
Dezembro 2013**



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

Diálogos sobre sexualidade: Um estudo a partir das dúvidas de adolescentes

Rosimary Oliveira da Silva
ORIENTADORA: Dra. Juliana Eugênia Caixeta

*Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora, como
exigência parcial para a obtenção de título
de Licenciada do Curso de Licenciatura em
Ciências Naturais, da Faculdade UnB
Planaltina, sob a orientação Dra. Juliana
Eugênia Caixeta.*

Planaltina - DF
Dezembro 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus; e de maneira especial ao meu esposo Marcelo Hugo, e aos meus filhos Lucas e Luan.

Agradecimentos

“Sonho parece verdade quando a gente esquece de acordar” (Anitelli)

Hoje vivo uma realidade que um dia foi um sonho distante, mas foi preciso muito esforço, determinação, paciência e perseverança, ousadia e maleabilidade para ir até o fim, e nada disso eu conseguiria sozinha.

Agradeço aos meus pais, Francisco e Maria por terem me ensinado a dar passos sozinha.

Ao meu sogro, José Hugo (in memória), que sempre cuidou dos meus filhos com carinho enquanto estudava.

Ao meu digníssimo esposo, Marcelo Hugo que ajudou-me insistentemente e que com paciência suportou a minha ausência enquanto esposa e enquanto mãe.

Aos meus filhos, Lucas Eduardo e Luan Hugo, que todos os dias com palavras, olhares, gestos e sorriso me diziam que era preciso ir até o fim. Por terem me acalmado em momentos de aflição.

A minha querida professora Dr.^a Juliana Eugênia Caixeta, por me ensinar a viver intensamente.

Agradeço aos amigos que me ajudaram em mais essa etapa.

Minha eterna gratidão a todos que colaboraram direta e indiretamente para a realização deste sonho: o meu muito obrigado!

Diálogos sobre sexualidade: um estudo a partir das dúvidas de adolescentes

Rosimary Oliveira da Silva¹

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre dúvidas e curiosidades de adolescentes referentes ao tema sexualidade, realizada em uma escola da rede pública de ensino fundamental e médio de Planaltina, Distrito Federal. O objetivo deste trabalho foi montar um livreto contendo um diálogo professor-aluno a fim de responder as principais dúvidas e curiosidades emergentes da pergunta: quais são suas dúvidas sobre sexualidade? Os dados coletados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo de Bardin, visando à categorização dos mesmos. A categorização dos dados permitiram chegar a 5 grupos temáticos: ato sexual, gravidez, corpo, métodos anticoncepcionais e gênero. Foi possível verificar que a maioria das dúvidas e curiosidades estava relacionada ao ato sexual e à preocupação dos adolescentes em não engravidar. O diálogo foi construído a partir dos 5 grupos temáticos e foi submetido à avaliação de dois adolescentes, que afirmaram que o diálogo está interessante. É recomendado que o diálogo seja submetido à opinião de mais adolescentes.

Palavras chaves: Sexualidade, adolescência, diálogo.

1. INTRODUÇÃO

Tratar a sexualidade dentro e fora da escola ainda é um desafio. A sexualidade é um fenômeno individual, mas também histórico e cultural e, por isso, é preciso entendê-la como um fenômeno mais complexo que vai além de reprodução humana ou o ato sexual, pois ela envolve sentimentos, desejos e relacionamentos entre pessoas.

Praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade (BRASIL, 1998, p. 292).

Durante a trajetória como estudante de graduação do curso de Ciências Naturais, foi verificado que a maioria dos livros didáticos e documentos oficiais, com os PCNs e o currículo da educação básica, tratam a temática da sexualidade do ponto de vista anatômico e fisiológico, em detrimento de uma discussão mais aprofundada, inspirada numa compreensão biopsicossocial do corpo humano e da sexualidade, entre os jovens de ensino fundamental. Um dos pressupostos do presente trabalho é que mediar conceitos relativos à sexualidade apenas do ponto de vista biológico acaba comprometendo a qualidade da compreensão integral da sexualidade. Como uma resposta a essa redução, o presente trabalho compreende a sexualidade como um fenômeno complexo que envolve dimensões psicológicas e socioculturais que precisam fazer-se presentes no processo de ensino-aprendizagem. Por isso,

¹ Graduanda do Curso de Ciências Naturais - Faculdade UnB de Planaltina

ouvir os adolescentes e suas dúvidas sobre o tema pode ser uma estratégia importante para a mediação de conceitos relevantes para a promoção do/a cidadão/ã adolescente.

Este trabalho foi motivado por observações livres feitas durante o estágio obrigatório do curso, quando pude perceber que os alunos tinham muitas dúvidas sobre sexualidade e que, elas não eram respondidas ou eram respondidas erroneamente. Com isto, o objetivo deste trabalho foi identificar as dúvidas mais frequentes de alunos de escolas pública de Planaltina, Distrito Federal, sobre sexualidade para que, a partir delas, elaborar um livreto com um diálogo professora-aluno, contendo respostas para as dúvidas mais comuns dos adolescentes participantes da pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SOBRE A ADOLESCÊNCIA

Quando você se torna um adolescente a vida não é benevolente. Suas glândulas sebáceas enlouquecem e montes de pelos aparecem! As roupas ficam justas... E o estrogênio surge: você fica coberta de espinhas e o sexo urge! O sutiã vem junto com desodorante e a depilação, e você percebe, num impulso, que é só emoção. Mas logo se acalmam seus hormônios, e você descobrirá, brevemente, que não é viver com os demônios ser uma adolescente! (RUGEN, 2000, p.6).

O poema de Rugen (2000) trata fenômenos como a puberdade e a adolescência, fenômenos esses que fizeram, fazem ou farão parte da vida de todo o ser humano. Nas culturas ocidentais, urbanas e industrializadas, a puberdade marca o início da adolescência. No entanto, enquanto a puberdade é um fenômeno biológico, relacionado às mudanças corporais; a adolescência é um fenômeno social, construído a partir da segunda metade do século XX (GROSSMAN, 1998; FURLANI, 2011), como resultado de sucessivas crises econômicas. As altas taxas de desemprego e o sistema produtivo em crise não permitiam a absorção da mão-de-obra adolescente. Assim, era preciso que os adolescentes, apesar de fisicamente saudáveis e, em tese, disponíveis para o trabalho, continuassem com suas famílias, sob a tutela delas com o pretexto social de se especializarem mais para ingressarem no mercado de trabalho: “Neste instante um duplo movimento percorre as relações entre pais e filhos. De um lado, um investimento crescente no filho, identificando como o futuro da família e, por outro lado, a visão do filho como objeto de amor (...)” (GROSSMAN, 1998, p.71).

Como uma maneira de legitimar essa construção social, a ciência construiu explicações que viabilizassem o novo fenômeno. Por exemplo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) (1974) adotou como conceito de adolescência um conjunto de características que correspondiam a um período em que:

- a) o indivíduo passa do ponto do aparecimento inicial dos caracteres sexuais secundários para a maturidade sexual;
- b) os processos psicológicos do indivíduo e as formas de identificação evoluem da fase infantil para a adulta;
- c) a transição do estado de dependência econômica total passa a outro de relativa independência (OMS *apud* PRATTA, 2006, p. 100).

Outras teorizações, como as de Aberastury (1980), Aberastury e Knobel (1992) e Erickson (1976), concebem a adolescência como um período de contradições, ambivalência,

caracterizado por conflitos com o meio familiar e social. Aberastury (1980) e Aberastury e Knobel (1992) defendem, inclusive, a Síndrome da Adolescência Normal. Nesta síndrome, sob o ponto de vista adulto, a adolescência é vista como um período de desenvolvimento e de conflitos acentuados, em que o indivíduo deve superar as mudanças corporais; os questionamentos pessoais; os conflitos familiares; ou seja, ultrapassar a dita “crise normal da adolescência” na qual se caracteriza pela: rebeldia, instabilidade afetiva, tendência grupal, crises religiosas, contradições e crises de identidade (KNOBEL, 1981), para, enfim, estar pronto e satisfatoriamente capacitado para adentrar no mundo adulto, adequando-se formalmente à estrutura da sociedade. A crise normal da adolescência é a busca pela identidade adulta, porém numa fase de turbulência, onde comportamentos considerados anormais ou patológicos em outra fase do desenvolvimento devem ser considerados normais nessa transição para a vida adulta (KNOBELL, 1981).

Segundo Matheus (2008), o período da adolescência passou a se caracterizar como uma fase de “crise” que a pessoa atravessa, para constituir-se como indivíduo. Segundo Matheus, tal “crise”:

[...] circunscreve a um momento específico da vida, com um fim previamente estabelecido, turbulências inevitáveis que cada sujeito é convocado a experimentar, a fim de conquistar a condição de indivíduo, seguindo as diretrizes do ideário da modernidade. A crise é, então, fruto do exercício da interioridade de cada um, em função das tensões e conflitos que a configuram como tal. É o preço a ser pago pela pretensa condição de independência frente às amarras da organização social; é expressão do desamparo que sua condição (imaginária) de autonomia exige [...] (MATHEUS, 2008, p. 619).

No entanto, autores como Giannini (2007) e Bock (2007) explicam que a adolescência não pode ser vista com uma passagem da infância para idade adulta ou como uma crise ou como uma síndrome ou como um período entre a criança e a adultez ou entre 12 e 18 anos, como estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990), mas, deve ser considerada como uma importante etapa do ciclo de vida, com suas próprias características e peculiaridades. É uma etapa de grandes oscilações entre posturas infantis e adultas, em busca de uma definição de própria identidade.

A adolescência foi criada pelo homem. Fatos sociais vão surgindo nas relações sociais e na vida material dos homens; vai se destacando como um fenômeno social e vai apresentando suas repercussões psicológicas; vai sendo construído um significado social para esses fatos que vão acontecendo e, em um processo histórico, vai surgindo na sociedade moderna, ocidental, a adolescência (BOCK, 2004. p.10).

Logo, não se tem um conceito definido do que realmente seria adolescência e nem o que seria um adolescente, pois esse varia de acordo com a cultura, com a tradição a qual o/a adolescente está imerso/a. Nesse sentido, Levisky diz que:

A sociedade tende a se organizar em torno de regras, leis, costumes e tradições que, por meio da cultura, se perpetuam como valores grupais comumente aceitos por seus integrantes. Neste sentido, as sociedades estabelecem os elementos que definem os status infantil e adulto, bem como a modalidade de resolução desta transição (1995, p.16).

Entendemos a adolescência como fenômeno social que engloba um conjunto de modificações físicas, psicológicas e de posicionamentos sociais que só pode ser significado na

cultura em que o/a adolescente está inserido/a (AGUIAR; BOCK e OZELLA, 2001; OZELLA e cols., 2003).

2.2 A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

“Sexualidade é um termo criado no século passado, nas sociedades industriais e entendido, hoje, como sendo o conjunto de relações das pessoas consigo mesmas e com as outras” (LOPES e MAIA, 2000, p. 109).

A sexualidade, ligada ao sexo e/ou à sensualidade e/ou à anatomia e fisiologia, relaciona-se às vivências de prazer, de amor, de procriação e envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções socialmente construídos:

“A sexualidade é um ‘dispositivo histórico’ (FOUCAULT, 1988).

E Louro completa dizendo que:

Em outras palavras, ela é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem verdades (LOURO, 2000, p.6).

Concordando com essa leitura sociocultural da sexualidade, Vitiello (1997) explica que a nossa espécie é a única, dentre as que povoam o planeta, a ter a oportunidade de buscar os prazeres do sexo sem arcar com o ônus único da reprodução. Isso nos deixa evidente que temos uma infinidade de possibilidades de expressão para o sexo, podendo este ser expresso na forma de sexo-amor, sexo-afeto, sexo-prazer, entre outros. Nas palavras de Ferreira e Luz (2009), temos que a sexualidade “[...] é energia que possibilita encontros, trocas e experiências; influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, tem a ver com saúde física e mental do ser humano” (p.33).

A sexualidade é um fenômeno da existência humana, portanto, faz parte também da vida dos (as) adolescentes. É objeto de estudo e intervenção das políticas públicas e tem sido cada vez mais discutida, principalmente devido ao aumento dos índices de gravidez e de incidência de AIDS (Imunodeficiência adquirida) na população jovem. Caridade (1999) afirma que a compreensão da sexualidade vivida pelos adolescentes deve ser contextualizada culturalmente, na medida em que a sexualidade é constituída a partir da cultura em que estes se inserem.

Nesta perspectiva, a sexualidade humana acompanha o indivíduo em toda sua existência, importante para a formação da identidade e desenvolvimento da personalidade. “Implica amor, excitação, erotismo, satisfação das necessidades instintivas tais como o contato, o calor, o afago, os beijos, as carícias, a troca de intimidades e também os aspectos estéticos, a atração e a sintonia entre duas pessoas” (EISENSTEIN *apud* SÁ *et al.*, 2000, p.2).

Na adolescência, os impulsos sexuais são mais fortes, portanto, os adolescentes necessitam de orientações adequadas. Nessa situação, chamamos atenção para a mídia que, muitas vezes, torna-se uma ferramenta de mediação inadequada no que se refere aos temas ligados à sexualidade e que segundo os PCNs (BRASIL, 1998) de orientação sexual:

Ela veicula imagens eróticas, que estimulam crianças e adolescentes, incrementando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. Também informa, veicula campanhas educativas, que nem sempre são dirigidas e adequadas a esse público. Muitas vezes também moraliza e reforça preconceitos. Ao ser elaborado por

crianças e adolescentes, essa mescla de mensagens pode acabar produzindo conceitos e explicações tanto errôneos quanto fantasiosos (p.292).

São muitas as dúvidas que permeiam a vivência da sexualidade. Em uma pesquisa realizada pelo Tele-Aids, um programa de ajuda por telefone á adolescentes em São Paulo, foi constatado que adolescentes entre 15 e 19 anos são os que mais os procuram, havendo um grande número de ligações com conversas e perguntas referentes à sexualidade. (TELMA, COTI, TEMPESTADE, et al. 2005). Assim, a busca por resposta, ditas curiosas, dos adolescentes, em uma fase fundamental do seu desenvolvimento, pode ser a chave para formação de um cidadão crítico, responsável e capaz de tomar decisões conscientes.

Podemos dizer que tradicionalmente crianças e jovens têm sido tratados como seres assexuados e a sexualidade tem se constituído em tabu: falar sobre sexo nas salas de aula ainda hoje para muitos é considerado um estímulo à atividade sexual (SILVA; SIQUEIRA; ROCHA, 2009, p. 220).

Britzman (2001) nos diz que “a sexualidade nos permite desenvolver nossa capacidade para a curiosidade, no qual sem a sexualidade não haveria qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender (p.83)”. A sexualidade é um tema que gera curiosidade nas pessoas, em geral, e nos adolescentes, em particular. Para Moran (2000), o ser humano aprende e constrói seu conhecimento pela necessidade de resolver problemas, pela curiosidade, pelo interesse, pelo prazer e satisfação, e pelo próprio espírito de busca por respostas concretas. Logo, a curiosidade acerca da sexualidade deve ser levada em consideração uma vez que outros autores dessa área, como Furlani (2007) e César (2009) afirmam que a sexualidade é construída historicamente e ao longo da vida através de interações psicossociais do/a adolescente com o meio, a partir das possibilidades individuais e de sua cultura, logo, faz parte da personalidade dele/a.

No entanto, fica evidente que a escola e principalmente a família, têm um papel fundamental na construção da sexualidade dos adolescentes (ALMEIDA e CENTA, 2009; EGYPTO, 2003), mas, ambas tem uma atitude negativa em relação à curiosidade dos adolescentes no que tange à sexualidade. Essa atitude, muitas vezes, se revela pelo constrangimento ou pela fuga no diálogo com os adolescentes. Nesse contexto em que as investigações ou curiosidades dos adolescentes são castigadas, ignoradas ou repudiadas, a sexualidade se torna tema proibido em espaços que deveriam ser privilegiados no sentido do acolhimento e da mediação dos adolescentes. (BRÊTAS; SILVA, 2009; HORTA; MADEIRA; ARMOND, 2009).

Neste trabalho, entendemos que a escola é um espaço privilegiado de mediação sobre as temáticas relativas à sexualidade com adolescentes, porque propicia a mediação de conceitos científicos, oportunizando estratégias de reflexão que permitem o/a aluno/a compreender a sexualidade como fenômeno biopsicossocial, que tem implicações comportamentais, culturais e identitárias e pelo tempo de permanência do/a aluno/a nesse ambiente (RAMIRO; MATOS, 2008). Com isso, a inclusão da educação sexual nos currículos escolares se fez necessária e coerente com uma escola que cumpre seu objetivo de formação integral, com vistas à democratização do conhecimento, à diminuição das desigualdades e à promoção da inclusão social.

Figueiró (2006) nos fala sobre a inclusão do ensino da sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs como tema transversal na década de 90, ou seja, é aquele tema que não tem uma área específica de conteúdo, mas é abordado em diversas áreas de conhecimento. Na visão da autora:

“Para que os temas transversais possam inserir-se, efetivamente, no processo de ensino é fundamental que os professores atuem interdisciplinarmente, reúnam-se e planejem em conjunto, para dar conta de um ensino sistematizado das várias temáticas” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 62).

Através dessa medida de inserção do tema sexualidade no PCN, o poder público busca partilhar com a família a responsabilidade pela educação sexual de crianças e adolescentes. Embora os documentos educacionais e o Ministério da Educação compreendam a orientação sexual como tendo caráter, sobretudo, informativo e a sexualidade como prioritariamente biológica e relacionada às funções hormonais (ALTMANN, 2001), essa interação já se trata de um grande avanço.

Diante desta discussão, devemos buscar por metodologias e possibilidades de ensino de caráter interdisciplinar para trabalhar sexualidade com alunos de todas as faixas etárias, considerando os conteúdos anatômico e fisiológico, mas também aqueles relacionados às questões psicossociais, importantes constituintes da sexualidade humana.

2.3. SEXUALIDADE: MEDIAÇÕES POSSÍVEIS NA ESCOLA

Apesar de a orientação sexual ser uma realidade na legislação brasileira, a ação das escolas na sua prática tem sido pouco sistemática ou ausente. Em geral, cabe aos professores à tarefa de mediar os conceitos relacionados à sexualidade e, normalmente, há uma opção clara pelo ensino da anatomia e da fisiologia do aparelho reprodutor. Por outro lado, experiências positivas com relação à mediação dos conceitos de sexualidade evidenciam que a maneira ou a mediação do/a professor/a é fundamental para que adolescentes sintam-se à vontade para dialogar sobre sexualidade. Essa mediação pedagógica se pauta, em geral, no relacionamento professor/a- aluno/a, no processo de construção de conhecimento, a partir da reflexão crítica das experiências dentro e fora da sala de aula (MENEZES; SANTOS, 2002; OLIVEIRA, 2010).

Dentro desta perspectiva, vários tem sido os esforços de professores e pesquisadores na sistematização de práticas mediacionais que favoreçam o ensino da sexualidade nas escolas. Autores como Pires, Gandra e Lima (2002) e Furlani (2011) sugerem, em seus livros, uma série de atividades que podem ser desenvolvidas dentro de sala de aula com alunos de idades diversas, tomando conceitos técnico-científicos e abordando a formação de identidade, autoerotismo, anatomia, fisiologia, gênero, prazer e autoconhecimento. Já Krasilchik (2004) sugere: a) simulações de processos químicos e fisiológicos, para demonstrar aos alunos o que ocorre com o corpo durante a relação sexual, quantos ossos e músculos se movem, por exemplo; b) projetos que envolvam informações sexuais, como por exemplo, um projeto onde todos os alunos participem demonstrando para o restante da escola suas formas de ver a sexualidade; c) demonstrações e visitas guiadas a exposições que possam deixá-los mais próximos da realidade, por exemplo, a locais que exponham corpos, etnias e outras.

Santos (2009) recomenda atividades envolvendo filmes, para ensino médio como o filme “OLGA”², e “The Flintstones – O Filme”³, trabalhando a questão de gêneros e identidade de gênero.

A partir da veiculação de partes selecionadas deste filme, os (as) professores podem explorar, fundamentados/as nos referenciais de gênero, classe, raça/etnia e

² Sinopse disponível em: www.adorocinema.com/filmes/olga/olga.asp#Sinopse.

³ Sinopse disponível em: www.adorocinema.com/filmes/flintstones/flintstones.asp#Sinopse

diversidade sexual, as relações sociais legitimadas pela interpretação do personagem do Fred e de sua esposa Vilma, relações que estabelecendo um recorte de referenciais de gênero relegam a mulher ao lugar doméstico, com uma posição submissa, subalterna e de subjugação, destacando o homem como o provedor, patriarca, ligado ao lugar privado e em posição superior em relação à mulher (p. 66).

Outro modo bastante interessante seria usar o site do Museu do Sexo⁴ para expor aos alunos a história do sexo, desde antes de Cristo até agora, sempre ressaltando, por exemplo, as modificações em relação a função do sexo nos tempos antigos e modernos e o papel dos homens e das mulheres nessa relação.

Outros autores, como Brêtas e Pereira (2007) sugerem ações voltadas para a formação de professores. O PCN (BRASIL, 1998) para o terceiro ciclo (oitavo e nono ano), sugere trabalhar esse tema polêmico e de difícil abordagem em sala de aula, com atividades que envolvam participação oral, como debates, dramatizações, entrevistas e exposições espontâneas ou preparadas, trabalhos em grupo voltado para a experimentação, observação e reflexão.

Dinâmicas como a “Roda a Garrafa”, onde a garrafa aponta para quem responderá a pergunta elaborada pelo professor, e “Perguntas e Respostas” permitem aos alunos discutir sobre a influência das experiências de cada pessoa no pensamento acerca da sexualidade humana e da educação sexual, além de criar um ambiente propício para diálogos entre professores e alunos e entre eles mesmos. O momento é oportuno também para reforçar o respeito pela história do próximo.

Além das dinâmicas, existem manuais ou guias de sexualidade que têm o objetivo de mediar conceitos e temas relativos à sexualidade para adolescentes e professores como o “Manual de jogos educativos 140 jogos para professores e animadores de grupos”, de Donna Brandes e Howard Phillips. No entanto, esses guias podem não atender as dúvidas e curiosidades dos seus usuários, especialmente, adolescentes. Por isso, este trabalho tem por objetivo construir um diálogo a partir das dúvidas de um grupo de alunos de uma escola pública do Distrito Federal sobre sexualidade.

3. METODOLOGIA

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois se fundamenta nos significados construídos socialmente sobre o tema investigado, nesse caso, a sexualidade. Esta abordagem metodológica possui um valor educativo, formativo, à medida que implica questionamentos, desenvolvimento de consciência crítica, incentivo à formação do sujeito e sustentação da autonomia crítica e criativa. A pesquisa qualitativa faz emergir aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. São usadas quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação (DEMO, 1998).

A pesquisa qualitativa me permitirá fazer interpretações a cerca das perguntas e/ou dúvidas dos adolescentes, podendo inferir dados na hora da análise.

3.1. Participantes

Participaram desta pesquisa 40 alunos com idade variando entre 14 e 18 anos. Todos os alunos eram de escolas públicas de Planaltina e estavam no ensino médio ou fundamental.

⁴ Museu do Sexo disponível em: WWW.museudosexo.com.br

É importante ressaltar que só participou da pesquisa, aquele/a adolescente que foi autorizado/a pelo responsável, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo I).

3.2 Instrumento e Materiais

O único pedido orientador da coleta de dados foi: escreva suas dúvidas sobre sexualidade e a depositem na caixinha.

Como materiais, usamos folhas, lápis e uma caixa, onde os adolescentes foram depositando suas perguntas.

3.3 Procedimentos de Coleta de dados

Inicialmente, a diretora foi procurada para solicitar a autorização da escola para a realização da pesquisa. Com a autorização consentida, o próximo passo foi convidar os adolescentes. Em cada sala de aula, a pesquisadora explicou os procedimentos da pesquisa, sendo o primeiro a solicitação de autorização para os pais e/ou responsáveis. Assim, a pesquisadora solicitou aos adolescentes que levassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para seus pais e/ou responsáveis assinarem, haja vista que só participaria da pesquisa aqueles adolescentes que tinham autorização.

Foi visitada uma turma de cada série do ensino fundamental e uma turma de cada ano de ensino médio, totalizando oito turmas.

O TCLE foi distribuído para um total de cinquenta (50) adolescentes, escolhidos aleatoriamente. Algumas salas com seis (6), outras com sete (7) alunos escolhidos pelo número da chamada.

Dos cinquenta TCLE entregues apenas quarenta e dois (42) devolveram-no assinado e dois (2), apesar de terem devolvido o TCLE, desistiram da participação na pesquisa, totalizando quarenta (40) participantes.

De posse dos TCLE, reuni-me com os adolescentes numa sala e foi realizada uma conversa informativa sobre os procedimentos da pesquisa. A pesquisadora distribuiu papéis recortados e solicitou que os adolescentes escrevessem suas dúvidas, que estivessem à vontade em quantidade, e as colocassem dentro da caixinha, sem necessidade de identificação. Durante a atividade, foi explicado o que seria feito com as perguntas posteriormente.

A escolha pelas dúvidas se deveu à sua relação com a prática da investigação. Segundo Krasilchik (2004), coletar as dúvidas e perguntas tem “o objetivo principal de fazer o adolescente participar intelectualmente de atividades de investigação” (p.80) e continua, afirmando que convites ao raciocínio têm como uma de suas finalidades “fazer com que os estudantes participem de descobertas científicas numa atividade que exige imaginação e capacidade de raciocínio (p.81)”.

3.4 Procedimentos de análise de dados

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977). Para tanto, todas as perguntas foram organizadas em palavras-chaves. As palavras-chaves foram organizadas em grupos, formando categorias.

Ao todo, foram construídas cinco categorias diferentes: ato sexual; métodos anticoncepcionais; gravidez; corpo e gênero. A seguir, definimos cada categoria e apresentamos exemplos de perguntas feitas pelos adolescentes:

A categoria **ato sexual** compreendeu todas as dúvidas dos adolescentes sobre o ato sexual. Exemplos: *“O sexo anal leva a mulher ao orgasmo?”*, *“Por que os homens gostam tanto de fazer sexo oral?”*.

A categoria **métodos anticoncepcionais** abordou dúvidas sobre métodos contraceptivos, sendo as mais frequentes aquelas dúvidas sobre quais métodos existem, como utilizá-los e sua eficácia. Exemplos: *“A camisinha feminina é tão segura quanto a masculina?”*. *“Quais são os riscos do uso frequente da pílula do dia seguinte e dos hormônios de 21 dias?”*.

A categoria **gravidez** envolveu dúvidas em que a gravidez, especialmente, o medo de engravidar. Exemplos: *“Se a mulher toma pílula e ela tem uma relação sexual sem camisinha, ela pode engravidar?”*. *“Para evitar a gravidez, é melhor usar a camisinha masculina e feminina ao mesmo tempo?”* *“Uma garota virgem pode engravidar? Como?”*, *“Uma garota pode ficar um mês sem menstruar e não estar grávida?”*.

Na categoria **corpo** foram agrupadas dúvidas sobre o desenvolvimento do corpo. Exemplos: *“É verdade que o corpo sofre transformações depois da primeira relação sexual? Porquê?”*, *“Por quanto tempo o esperma vive após a ejaculação?”*, *“Depois que a menstruação acaba com quantos dias posso ter relação sexual?”*.

Na categoria **gênero** foram agrupadas dúvidas relacionadas ao ser feminino e masculino e à sexualidade de uma forma mais ampla. Exemplos: *“O homossexualismo é genético ou causado pela evolução dos hormônios?”*.

Com base nessas informações foi construído o diálogo. Nesse diálogo buscamos abordar o máximo de perguntas possíveis e algumas são citadas ao longo da conversa, outras são respondidas nas entre linhas.

4. RESULTADOS

O diálogo (ver Anexo II) é composto por falas de uma professora e de seus alunos. Todos os personagens são fictícios, criados pela pesquisadora.

As cenas se passam em sala de aula, com algumas ilustrações, como: o uso das camisinhas masculina e feminina. Para realizá-lo, partimos da própria estratégia de coleta de dados da pesquisa. Assim, ora a personagem-professora responde perguntas da caixinha ora dúvidas dos alunos, no ato das interações dentro da sala.

Foram feitas treze (13) versões do diálogo até a versão aqui apresentada. A versão anterior a esta foi submetida à leitura de quatro (4) adolescentes, participantes desta pesquisa, com apenas dois retorno. A percepção de dois que retornaram sobre a história foi:

Aluno 1: *“Professora o texto está ótimo, apesar de ter alguns momentos de “impacto” por parte do vocabulário que não vemos em trabalhas assim, mas não tem como falar de sexualidade sem usar determinados termos acredito que quando tiver os desenhos vai ficar muito mais didático e quebre um pouco o gelo “desses termos” já que o público é a partir da 5º série ficou interessante porque apesar de ser um assunto meio que constrangedor pra algumas pessoas principalmente adolescentes ficou bem interativo e foi bem colocado sem deixar espaço para brincadeiras”*.

Aluno 2: *“Acho q você poderia falar um pouco mais sobre as doenças e definir melhor seus alunos, porque estão sem nomes, mas o conjunto em si gostei muito do diálogo do entrosamento com os alunos ficou muito bom”*.

Esses depoimentos avaliativos nos permitiram chegar à versão apresentada neste Trabalho de Conclusão de Curso, que, posteriormente, deverá ser revisto e novamente avaliado pelos adolescentes para publicação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que as curiosidades das crianças e adolescentes a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a construção da subjetividade delas, haja vista que estão relacionadas ao desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não satisfação gera ansiedade, tensão e, eventualmente, inibição da capacidade investigativa.

A pesquisa realizada evidenciou que as dúvidas dos adolescentes, em maioria, são sobre o ato sexual, a contracepção, a gravidez, o gênero e o corpo. Por isso, esses temas foram geradores do diálogo aqui apresentado. Acreditamos que ele possa ser utilizado tanto dentro quanto fora da sala de aula como um recurso que pode fomentar o diálogo real entre professores-alunos e entre pais-filhos e entre professores-pais-filhos, porque ele não tem o objetivo de sanar todas as dúvidas, mas também e, principalmente, de orientar os adolescentes sobre a quem devem recorrer em casos de dúvidas.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABERASTURY, A.. Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B.; OZELLA, S. Orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.) Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001. p.163-178.

ALMEIDA, A. C. C. H. de.; CENTA, M. de L.. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. Acta paul. enferm. vol.22 no.1 São Paulo Jan./Feb. 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002009000100012&script=sci_arttext> Acesso em 01 dez. 2013.

ALTMANN, H. (2001). Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. rev. Estudos Feministas, 9(2), 575-585. Retirado em 22/março/2003, da SciELO (Scientific Electronic Library Online), <http://www.scielo.br/ref>.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOCK, A.M.B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cadernos CEDES*, Campinas, v.24, n.62, abr. 2004. Disponível em: < <http://www.bvs-psi.org.br/>> Acesso em 14 out. 2013.

BOCK, A. M. B.. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia, Escola e Educação*, 11, 1, 2007, p.63-76.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p. disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>> Acesso em 13 nov. 2013.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRÊTAS, J.R.S. e PEREIRA, S.R.. Projeto de extensão universitária: um espaço para formação profissional e promoção da saúde. Trab Educ Saúde. 2007;5(2):317-27.

BRÊTAS, J.R.S. e SILVA, C.V. (2009). Orientação sexual para adolescentes. Em: A.L.V. Borges e E. Fujimori (Orgs.). Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica (pp. 210-248). Barueri, SP: Manole.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In LOURO, Guacira Lopes, (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade, Ed.Belo Horizonte:Autêntica,2001.

CARIDADE, A. (1999). O adolescente e a Sexualidade. Em Schor, N., Mota, M. do S. F. T. & Castelo Branco, V.(Orgs.), Cadernos Juventude, saúde e desenvolvimento (pp. 206-212).

CESAR, M. R. A.. In SANTOS, D. B. C.; ARAUJO D. C.. (orgs).Sexualidade / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba : SEED – Pr., 2009. p. 49- 58. 216 p.

DEMO, P.. Pesquisa Qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **rev. Latino-am. Enfermagem**.Ribeirão Preto, v.6, nº 2, p. 89-104, abril, 1998.

EGYPTO, A. C. (ORG). Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante.São Paulo: Cortez, 2003.

EISENSTEIN E. Ficar ... por dentro! In: SÁ, C. A. M.; PASSOS, M. R. L.; KALIL, R. S.. Sexualidade humana. Rio de Janeiro (RJ): Revinter; 2000.

ERIKSON, E. H. Infância e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERREIRA, B. M. M. L.; LUZ, N. S. da. Sexualidade e gênero na escola (p.33). In LUZ, N. S. da.; CARVALHO, M. G. de.. (orgs). Construindo a igualdade na diversidade : gênero e sexualidade na escola. Casagrande. — Curitiba: UTFPR, 2009. 286 p..

FIGUEIRÓ, M.N.D. Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado de letras, 2006.

FOUCALT, M. História da sexualidade: o uso dos prazeres. Vol. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual na Sala de Aula: relação de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito as diferenças.BH: Autêntica Editora, p. 15-16, 2011.

FURLANI, Jimena. Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GIANNINI, Patrícia. As transformações da Infância e da Adolescência: como a sociedade está lidando com isso. Contato, ano 09, n° 52, jul/ago 2007. CRP-PR.

GROSSMAN, Eloisa. A adolescência através dos tempos. In: Adolescência Latinoamericana. Porto Alegre: Vol.1 n° 2. 68-74, 1998.

HORTA, N. C.; MADEIRA, A. M. F. e ARMOND, C. C.. Desafios na atenção à saúde do adolescente, 2009. Em: A. L. V. Borges e E. Fujimori (Orgs.), Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica (pp. 119-141). Barueri, SP: Manole.

KNOBEL, M. Síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. Adolescência normal. 9ª ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981. p. 24- 62.

KRASILCHIK, M. Prática de ensino de biologia. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004. 197 p.

KRASILCHIK, M. Prática de ensino de biologia. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004. 197 p.

LEVISKY, D.L. Adolescência: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

LOPES, G. e MAIA, M. Sexualidade e cultura: a construção dos mitos e tabus sexuais. In: SÁ, C. A. M., PASSOS, M. R. L. e KALIL, R. S.. Sexualidade humana. Rio de Janeiro (RJ): Revinter: 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. Educação & Realidade, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.

MATHEUS, Tiago Corbisier. Quando a adolescência não depende da puberdade. Rev. latinoamericana. psicopatologia. fundam., São Paulo, v. 11, n. 4, p. 615 – 625. Dez. 2008.

MENEZES, E. T; SANTOS, T. H.. "Classes multisseriadas" (verbete). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em www.educabrasil.com.br/dicionario. Acesso em 9/1/2007.

MORAN, J. M.. Novas tecnologias e mediações pedagógicas. São Paulo: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio – histórico. **Coleção pensamento e ação em sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2010.

OMS (1994) apud PRATTA, M. A. B.. Adolescentes e jovens... Em ação! Um estudo sobre os aspectos psíquicos e Sociais que envolvem a educação do Adolescente hoje. Dissertação (Mestrado). Araraquara: UNESP, 2006. p.100.

OZELLA, S. (Org.) e cols. Adolescências construídas: A visão da psicologia sócio histórica (pp. 253-276). São Paulo: Cortez. (2003).

PIRES, C. V. G., GANDRA, F. R., LIMA, R. C. V. O Dia-a-Dia do Professor. Adolescência– Afetividade, Sexualidade, Drogas. Vol. 5. Minas Gerais: Fapi, 2002.

RAMIRO, L. e MATOS, M. G.. Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. Revista de Saúde Pública, 42, 4, 684-92, 2008.

RUGEN, Samantha. Coisas que toda deve saber. Ed. Melhoramento. 11ª Edição. São Paulo, 2000.

SANTOS, D. B. C. (2009). Educação Sexual na escola: algumas possibilidades didático-metodológicas. In: SANTOS, D. B. C. e ARAUJO, D. C. (ORGs). Sexualidade. Curitiba: SEED – Pr., 2009. (59 – 71). 216 p.

SILVA, I. O.; SIQUEIRA, V. H. F. e ROCHA, G. W. F. (2009). Educação sexual e gravidez de adolescentes: significados construídos por docentes do curso de formação de professores em uma escola pública do Rio de Janeiro, Brasil. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, 8, 1: 216-231. Em: <http://www.saum.uvigo.es/reec> Acesso em 14 nov. 2013-11-14.

TELMA, J. M.; CONTI, L. C. J.; TEMPESTADE, R.A.M.C. e BELLUCCI, S.. Dúvidas sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes usuários de serviço de informações telefônicas. Adolesc. Saúde , 2(3), 2005: p. 16-20

VITIELLO, N. Sexualidade: Quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo: Iglu, 1997.

Anexo I: TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Rosimary Oliveira da Silva, estudante de graduação do curso de Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina – FUP, sob a orientação da Professora Juliana Eugênia Caixeta, estou realizando uma pesquisa sobre as dúvidas e curiosidades que os adolescentes têm sobre o tema sexualidade. A partir desse levantamento, pretendo construir um guia de perguntas e respostas sobre sexualidade para adolescentes. Trata-se de um material pedagógico para facilitar o processo de ensino e aprendizagem de sexualidade.

O interesse por esse estudo surgiu na disciplina Prática em Ensino de Ciências, em que constatei várias dúvidas que os adolescentes tinham sobre o tema sexualidade e que, geralmente, não eram respondidas pelos professores.

Para que essa pesquisa ocorra, necessitamos da sua autorização para participação do/a adolescente em uma entrevista. A participação do/a adolescente é voluntária e ele/a pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo algum para ele/a. Os dados são sigilosos e em momento algum o nome do/a adolescente autorizado/a a participar da pesquisa será divulgado. Os dados serão tratados em grupo.

Então, a coleta de dados será realizada por meio de uma conversa com os alunos sobre o tema sexualidade: dúvidas e curiosidades. Para registro dos dados, utilizarei lápis e papel. O uso posterior desses dados ficará restrito ao estudo e divulgação científica e/ou formação de professores.

Ressalto, novamente, que em momento algum o nome do/a adolescente participante será divulgado, sendo garantido o sigilo das informações, já que tudo o que o/a adolescente disser será tratado de forma agrupada ao que outros alunos entrevistados disserem. Se tiver dúvidas sobre a pesquisa, entre em contato conosco.

Rosimary Oliveira da Silva
Aluna de Graduação do curso Ciências Naturais

Juliana Eugênia Caixeta
Professora Doutora da Faculdade UnB

CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE

Eu, _____, DECLARO que fui esclarecida/o quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pelas pesquisadoras e CONSINTO a participação do/a adolescente _____ neste projeto de pesquisa para fins de estudo, publicação em revistas científicas e/ou formação de professores.

Planaltina, _____ de _____ de 2013.

Anexo II: Diálogos sobre sexualidade



Rose: Bom dia queridos!

Marcos: Bom dia, professora!

Rose: Hoje vamos iniciar o tema sexualidade...

Pedro: Uhmhhh!!

Clara: Professora! É sobre sexo?!

João: Eu gosto!

Rose: Gente preste atenção!!! Nossas aulas, a partir de hoje, serão sobre sexualidade. Alguém sabe a diferença entre sexo e sexualidade?

Paulo: Sexo é transar.

Marina: Sexualidade é... (risos) não sei...

Pedro: Sexualidade é ser sensual e sexy.

Carla: A minha relação íntima com o outro.

Rose: Nossa! Quantas definições!! Quando a gente fala em sexo, lembra-se, normalmente, do ato sexual, não é?! As pessoas falam: vou fazer sexo, vou transar! Mas, lembra também o sexo das pessoas, por exemplo: qual é o sexo do seu bebê? Ele é menino ou é menina? Então, tem a ver também com o sexo masculino e feminino. Quando a gente fala de sexualidade, a gente se lembra de sensualidade, de afeto, de amor. Então, sexualidade tem a ver com a vivência do prazer, com o encontro com o outro ou a outra, enquanto o sexo tem a ver com o ato sexual em si e com os órgãos sexuais com os quais a gente nasce.



Rose: Agora, que sabemos a diferença entre sexo e sexualidade, vamos a nossa atividade: preciso que escrevam as dúvidas que tenham sobre sexo e sexualidade nesse papelzinho e coloquem dentro da caixinha, combinado?!

João: Mas, professora, pode ser qualquer pergunta?

Rose: Sim.

Clara: Ok teacher.

Rose: Nossa, quantas perguntas!! Acho que vamos ter que organizá-las!! Então, acho melhor começarmos a trabalhar com as perguntas amanhã. Para encerrar a aula de hoje, vamos ler o texto do professor Rubem Alves, da editora Papirus, que ele publicou em 2005, chamado Sexo é coisa simples, lembrando que fiz algumas adaptações no texto para estudá-lo hoje em sala, Ok?!

Marina: Ok.

Rose: Quem quer começar a ler o texto?

Marina e Carla: Eu?! Eu?!

Pedro: Eu não!

Rose: Começa você, Carla, por favor...

Carla: “Sexo é coisa muito simples...”.

Rose: Lê agora Pedro.

Pedro: “Quem começa explicando sexo falando sobre o sexo explica errado...”.

Narrador: os alunos lêem o texto com a professora Rose até o final.

Rose: Pessoal, amanhã, nós começamos o trabalho com as dúvidas, ok?!

Alunos: ok...

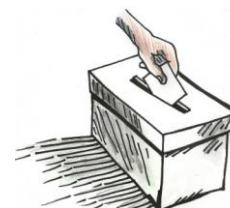


Toca o sino

No dia seguinte...

Rose: Bom dia, pessoal!

Alunos: Bom dia, professora!



Rose: Ontem, nós lemos o texto do professor Rubem Alves, que eu adaptei, não foi? E aí? O que acharam?

Marina: Ah, professora, eu achei tão bonitinho o texto!

Rose: O que entenderam dele?

Pedro: Eu entendi que o sexo parece com música.

Rose: E o que você entendeu, Clara?

Clara: Entendi que sexo é olhar, cheirar, tocar. É muita coisa, professora!

Rose: Legal! Vamos voltar a esse texto depois, combinado?!

Alunos: Combinado!

Rose: Hoje, vamos trabalhar com as dúvidas. Para facilitar nosso trabalho, organizei as perguntas em cinco categorias: corpo, ato sexual, métodos anticoncepcionais, gravidez e gênero. Vamos começar pelo corpo. Ok?

Pedro: Beleza.

Marcos: Vamos sim.

Rose: Nós somos fisicamente iguais uns aos outros?

João: Não, não...

Rose: Uhmhhh, Por que não?

Pedro: Porque não somos iguais... (risos)

Rose: Ah, possuímos características diferentes. Que características?!?!?!?

Marina: Físicas

João: Psicológicas...

Carla: Genéticas

Rose: E sociais? Não temos características sociais diferentes?

Marina: Sim, uns são ricos e outros não... (risos)

Bruna: Uns tem mais instrução e outros não...

Rose: Legal! Aqui na sala mesmo, alguns são mais fortes; outros mais magros. Isso é normal! Alguns são mais calmos, outros mais agitados. Uns gostam de usar batom rosa; outros, vermelho e outros nem gostam de batom!

João: Tem umas meninas que têm peito e outras nem tem né, professora?! (risos)

Marcos: E é só fazer sexo que as meninas criam corpo, é professora?

Rose: É meninas?? É assim que desenvolvemos corpo?

Bruna: Não, né!

Rose: Então, como é??

Carla: Correndo...

Marina: Fazendo exercícios

Laura: Eu acho que não precisa de nada disso, é só esperar seu corpo desenvolver.

Rose: O nosso desenvolvimento irá ocorrer de qualquer forma entre a puberdade e a adolescência. Porém essas características que adquirimos podem ser modificada por alguns fatores que interferem no desenvolvimento do nosso corpo: a alimentação, a prática de esportes, os hormônios, não é?! Vamos pensar, então, nas meninas. O que muda nas meninas na adolescência?



© Can Stock Photo - csp14570321

Laura: Professora tem meninas que crescem a bunda e tem meninos que ficam mais fortes...

Rose: Mas, vamos primeiro falar das meninas... O que muda?

Pedro: Os peitos crescem.

Lucas: A bunda aumenta.

Marcos: Engrossam as pernas.



Rose: E os meninos, agora?

Pedro: Fica patola.

Rose: Patola?!?!?! Como assim? O que é patola, menino?

Marcos: É forte, professora, musculoso, entendeu?! Aí, a gente chama de patola.

Marcos: Fica lindo, que nem eu...

João: Quem disse que você é lindo?!

Rose: Gente, vamos voltar!!!

Henrique: Nascem os pelos!

Rose: Isso mesmo! E as meninas, nascem pelos também?

Marina: Sim, que é um saco...

Bruna: Tem lugar que nasce é muito, tem que ficar tirando o tempo inteiro... kkkk

Rose: E o quê mais que acontece com as meninas e meninos???

Laura: A gente fica com a cinturinha.

João: O pinto cresce.

Marcos: A voz engrossa.

Carla: Acontece nossa primeira menstruação.

Rose: Também chamada de menarca.

Bruna: Menarca?! Que feio!!!

Rose: (risos)... São muitas transformações que nosso corpo vive durante toda a vida, mas, na adolescência, são essas mudanças que vocês citaram que acontecem. Quais as implicações dessas mudanças???

Paulo: A gente fica responsável, quer arrumar uma namorada séria.

Julia: Tem uns que acham que são donos do próprio nariz.

Pedro: A gente passa a procurar coisas novas.

Rose: Uhummm... Então, há uma mudança não só do corpo, mas também dos interesses e das nossas redes sociais. Na adolescência, é comum a formação de pares de pessoas, inclusive, de pessoas apaixonadas, não é?!

Rose: Nosso corpo sente muito as alterações hormonais e, claro, as mudanças sociais. Lembrem-se do texto que lemos ontem, do professor Rubem Alves???

Clara: Sim, é um texto legal...

Rose: Todo o nosso corpo é sensível! É sensível ao olhar, ao toque, ao cheiro, à audição e à degustação! Através dos nossos sentidos, podemos experimentar e expressar sensualidade, por exemplo: na forma de andar, de olhar... Por que acham que vocês vivem piscando pelos corredores e mexendo nos cabelo?!

Marcos: Tem uns que parecem uns galos de tão cheios, né professora?! (risos)

Rose: (risos)... É sim! Todos esses comportamentos estão ligados à sexualidade. Nós nos expressamos por meio do nosso corpo, que é sensível. Lembrem-se novamente da história do caqui que lemos do texto do professor Rubens Alves: "Sexo é coisa simples"!

Rose: Eu olho o caqui, cheiro, toco e quero comer o caqui.

Rose: Então, o beijinho, o abraço e cheiro fazem parte dessa sensualidade.

Rose: Existem várias manifestações.

João: O prazer é igual prá todo mundo?

Pedro: Existe ponto G, professora?!

Rose: O que é o ponto G?

Paulo: Onde a mulher sente tesão.

Marcos: Onde faz a mulher arrepiar.

Rose: O ponto G está associado ao prazer, mas este é construído entre o casal! O prazer é específico para cada pessoa. A descoberta do prazer ocorre entre duas pessoas que se desejam e que se respeitam independente de sua escolha sexual.

Marina: O que é escolha sexual??

Rose: São as preferências sexuais, as escolhas de pessoa para ficar perto de você e construir intimidade. Essa escolha pode ser por pessoa do sexo masculino ou feminino.

Rose: Vejam que as pessoas têm diferentes escolhas sexuais.

Laura: Eu escolho meninos, professora!

Rose: Pois é, Laura, tem gente que escolhe diferente de você. Há meninas que escolhem meninos e há meninos que escolhem meninos e há meninas que escolhem meninos e meninas e também há meninas que escolhem meninos e meninas.

Marina: Que confusão, professora?!?!?!?

Rose: Alguns casais escolhem parceiros de sexo diferente e outros de sexo iguais. Devemos respeitar todas as escolhas, afinal cada casal construiu uma relação de afeto e respeito e nós também devemos respeitá-los em suas escolhas sexuais.

Rose: Como existem diferentes formas de viver a sexualidade, o ato sexual também é diversificado.

Rose: Quais os tipos de ato sexual, gente?

Paulo: Oxi, como assim professora?! Que tipo de sexo?

Rose: Temos três tipos, quais são?

Pedro: Oral, anal e normal?

Rose: Muito bem, temos oral, anal e vaginal.

João: Professora, com o que a mulher sente mais prazer?

Rose: Isso vai depender do casal. Vai variar de mulher para mulher também.

Rose: Vocês sabem o que significa cada um desses tipos de ato sexual?
(Silêncio...)

Rose: Muito bem é isso mesmo...

Alunos riem

Rose: O sexo vaginal...

Marcos: É pênis dentro da vagina.

Rose: Penetração do pênis na vagina, propiciando ao mesmo tempo o prazer mútuo para o casal e/ou a possibilidade de procriação.

Rose: E o anal é a introdução do pênis no interior do ânus do parceiro sexual, sejam eles mulher ou homem.

Rose: O oral é o quê, gente?

Marcos: É boca no pênis.

Rose: Consiste em toda a atividade sexual onde ocorre estímulo dos genitais com a boca, a língua e possivelmente com a garganta.

Toca o sino da escola.

Rose: Bom, meninos, continuamos na próxima aula, beleza?

Laura: Tchau, professora!

Rose: Tchau!

Aula seguinte

Rose: Então, meninos, onde paramos na aula passada mesmo?!

Marina: Você estava falando sobre corpo e prazer...



Rose: Ah... É mesmo, nós somos únicos e nosso ponto G é descoberto na intimidade e na exploração do nosso próprio corpo e do corpo da outra pessoa sempre com respeito, carinho e afeto.

Rose: Gente, alguém pode tocar no nosso corpo sem nossa permissão???

Laura: Não mesmo!!!!

Bruna: É um abuso!!

Rose: Por que é um abuso???

Bianca: Porque se torna uma coisa forçada e uma das partes está sofrendo.

João: É violência, né professora?!

Rose: É isso mesmo. Nosso corpo nos pertence. Então ninguém nos toca e não tocamos ninguém sem autorização. Se alguém quiser forçar o toque no corpo de vocês, denunciem! Procurem seus pais ou responsáveis, a gente aqui na escola, o Conselho Tutelar, a polícia! Ninguém tem o direito de acariciar o corpo de vocês, de olhar o corpo de vocês sem autorização e sem intimidade.

Narrador: Professora Rose olha a quantidade de perguntas que ainda há.

Rose: Meninos, olhem quantas perguntas temos ainda?

Clara: E eu tenho mais uma, professora! Os meninos ficam muito tempo com a mão no saco, por quê?

Rose: Faz parte do processo de autoconhecimento.

Pedro: Faz parte da nossa intimidade isso. Você não tem nada que ficar olhando!!

Rose: Qual é o nome que se dá a...

Marcos: Já sei! Masturbação.

Rose: (risos)... O que é masturbação?

Pedro: É uma forma você sentir prazer sozinho. De se acariciar.

Rose: As meninas também podem se masturbar?

Marcos: Professora, a gente conhece como bater siririca... kkkkk

Rose: Existem vários nomes, como por exemplo, carinho na boneca, descabelar a Barbie e brincar de DJ.

Rose: Mas, e aí, as meninas podem ou não?

Paulo: Pode, né professora...

Rose: Sim, elas podem. A mão não vai cair se você se masturbar, mas devem se lembrar de que a masturbação é um ato íntimo de você com você mesmo ou com você mesma. Deve ser realizado com privacidade e higiene. Lavem as mãos sempre!

Rose: Bom, agora, vamos estudar método anticoncepcional e gravidez.

João: Método anticoncepcional?!

Rose: Ééé!!! O que é mesmo método anticoncepcional?

Rose: Anti vem de quê?

Pedro: Não.

Rose: E concepção?

Bruna: De conceber.

Rose: Conceber o quê?

Carla: Um bebê.

Rose: E como é concebido um bebê?

Marina: No encontro do espermatozóide com o óvulo?

Rose: Isso mesmo!

Rose: Existem ainda várias formas de conceber um bebê, ou seja, de fazer o espermatozóide encontrar com o óvulo. Alguém se lembra de alguma?

Pedro: O homem faz sexo com a mulher e tem um bebê.

Rose: Mas, será que é só fazer sexo? O que precisa acontecer? Que tipo de ato sexual?

Paulo: Icha... Que pergunta difícil!

Rose: Estudamos isso ontem!

Marcos: Tem a ver com sexo anal, oral e vaginal, professora?

Rose: Isso mesmo!!! Como é o ato sexual para conceber uma vida?

Laura: Vaginal!

Rose: Muito bem. No ato sexual vaginal, o pênis penetra a vagina e lança os espermatozoides que vão nadar até encontrar o óvulo. Mas, toda vez encontra?

João: Acho que não!

Paulo: Acho que sim!

Rose: Pode ser que se encontrem ou não. Se o espermatozóide se encontrar com o óvulo, então, um bebê será gerado.

Rose: Além da fecundação natural, em que o homem e a mulher fazem sexo vaginal, existe também a fecundação *in vitro* que é feita onde?

Pedro: Em laboratório. Eu vi na televisão. É o bebê de proveta?!?!

Rose: Sim.

Rose: Legal, mas o nosso papo não é sobre fecundação. Nosso papo é sobre?

Todos: Métodos anticoncepcionais.

Rose: Então, vamos retomar: anti é não e concepcional tem a ver com conceber uma vida, um bebê. Então, o que significa método anticoncepcional?



Marina: Significa que é um método para não ter um bebê??

Rose: Isso mesmo. Método para não engravidar.

Rose: Vamos lembrar? Existem métodos exclusivos para meninas e meninos. Quais vocês conhecem?

Laura: A camisinha.

Bianca: A pílula.

Marcos: Tem um que é um T.

Rose: Só os meninos usam camisinha?

Pedro: Não.

Marcos: Sim.

Rose: Não mesmo! As meninas também têm camisinha! Olhem aqui a camisinha feminina. Vou mostrar como se usa...

Narrador: Professora demonstra o uso da camisinha feminina.

João: Eita, professora, olha o tamanho disso... (risos)

Rose: Você aperta assim estica e introduz no canal vaginal e deixa uma parte de fora.

Rose: Vai passando aí entre vocês.

Rose: E pra retirar?

Paulo: É só puxar.

Rose: Segura na parte externa e puxe com cuidado e descarte. Em seguida faça a higienização pessoal, como tomar um banho ou lavar as partes íntimas, lave as mãos sempre!! Lavar mão é com água e sabão, viu gente?!

Rose: E a masculina? Todos sabem como usa? Alguém quer vir demonstrar no modelo?

Narrador: Professora aguarda manifestação!

Rose: Como todos estão envergonhados?! Venham aqui me mostrar! Ajuda aqui Pedro ou Maria...



Narrador: os alunos vão ajudá-la e enquanto isso, a professora Rose continua as provocações...

Rose: A menina pode engravidar na primeira relação sexual?

Pedro e Marcos: Sim, não.

Rose: Se tiver relação vaginal entre homem e mulher pode engravidar na primeira relação sexual sim. Agora, beijo não engravida! Beijo faz parte da sensibilização do corpo. Muitos casais usam o beijo para provocar excitação, como uma manifestação de carinho, para o ato sexual.

Rose: Mas, vamos lá, quais anticoncepcionais para meninas vocês conhecem?

Bianca: A pílula, né professora?

Rose: Isso mesmo. A pílula é tomada sempre no mesmo horário durante 21 dias, se esquecerem de tomar, pode tomar quando lembrar?



Carla: Não porque já perdeu o efeito.

Rose: Pode sim, gente, toma na hora que lembrar, e lembrem-se para ser anticoncepcional tem que tomar do jeitinho que é recomendado pelo médico.

Rose: É importante ir ao médico, pessoal?

Laura: Não, porque as pessoas compram na farmácia sem receita.

Marina: Claro que é importante

Rose: Por quê?

Marina: Porque ele vai saber depois dos exames o que é melhor para nós.

Rose: Porque o que diferenciam as pílulas é a quantidade de hormônios.

Rose: Ah, e aquela azulzinha? Serve pra quê?

Marcos: O Viagra... (risos).

Rose: Ele serve pra interromper a concepção?

Paulo: Não, ele serve pra armar o pinto...

Rose: Muito bem... o viagra serve para permitir a ereção peniana.

Henrique: Eu sei de alguém que toma essa pílula...

Rose: O viagra também precisa ser uma recomendação médica, porque ele diminui a pressão sanguínea e se a pessoa não estiver saudável pode ter um infarto.

Rose: Isso porque o viagra foi produzido inicialmente para pessoa com problema cardiovascular, pois dilata as artérias causando uma hipotensão, ou seja, ele abaixa a pressão sanguínea podendo causar infarto.



Rose: Bom, mas, voltando pro nosso assunto que é qual mesmo???

Bruna: Anticoncepcional....

Rose: Isso mesmo... Ainda tem algum outro método?

Carla: E aquele que parece um T, só que de ferro?

Rose: É o DIU que é intrauterino colocado no útero da mulher.

Rose: Quem pode colocar o DIU? A colega?

Rose: A mãe?

Rose: Não, gente, Somente um médico pode colocar.

Rose: Posso escolher sozinho um contraceptivo? O que acham meninas e meninos?

Bruna e Carla: Não... Sim...

Marina: Minha amiga que escolheu, foi na farmácia e comprou.

Rose: Então, isso pode acontecer gente?

Narrador: Professora aguarda manifestação dos alunos.

Rose: Não, devemos sempre procurar um médico antes, correto?! A camisinha, vocês não precisam de recomendação médica, devem usar sempre porque também é um método de proteção contra as DSTs.

Marcos: Do quê, professora?!

Rose: DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis, como a AIDS, por exemplo, amanhã, falaremos desse assunto.

Rose: Só para lembrar, o método anticoncepcional vai depender do nosso organismo, beleza?! É importante que meninas e meninos procurem um médico antes de começarem suas vidas sexuais. O médico que cuida de adolescentes se chama hebiatra. Os meninos também podem procurar um urologista e as meninas um ginecologista. Não tem problema ser um médico homem ou mulher, o importante é confiar nele ou nela.

Henrique: Eu não vou à urologista mulher, professora!

Bianca: E eu não vou a ginecologista homem, professora!

Rose: Meninos, não sejam preconceituosos! Há excelentes urologistas mulheres assim como há excelentes ginecologistas homens. Escolham um/a profissional que te deixar mais a vontade e confortável pra conversar.

Marina: Professora, se eu tomar a pílula anticoncepcional depois de já estar grávida, adianta?

Rose: E aí? Adianta ou não?

Carlos: Sim por que num é pra não conceber a vida? Então vai abortar.

Rose: Então, minha gente, Carlos está certo ou não?

Meninas: Sim, não

Rose: Não!!!! Tomar pílula diariamente pode evitar a gravidez; mas depois de já estar grávida, não adianta mais, por que... a pílula quando tomada impede o encontro do espermatozóide com o óvulo.

Rose: Pois é, a ação da pílula é matar os espermatozoides...

Rose: Então hoje falamos sobre métodos que evitam a gravidez e para a próxima aula gostaria que trouxessem métodos de proteção, beleza!

Henrique: Valeu professora!



No dia seguinte

Rose: Então, pessoal, quem trouxe a tarefinha da aula passada?

Henrique: Professora, eu trouxe uma camisinha, que é de proteção.

Rose: Legal! Por que é de proteção? Proteção contra o quê?

Marina: Contra doenças.

Rose: Que tipo de doenças?

Pedro: Aquela que você falou ontem, professora: DS... Esqueci!!!

Rose: DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Rose: Que DSTs vocês conhecem?

Bruna: AIDS, sífilis... Uma coceirinha.

Marcos: Uhm, professora, Bruna está super bem informada, olha só?!

Rose: Que bom, né, pessoal?!?!? Estar informado sobre DSTs é importante por quê?

Carla: Porque evita que eu pegue doenças e engravide.

Rose: Muito bem. Vamos começar pela AIDS, que vocês citaram primeiro. O que é AIDS?

Pedro: Uma DST.

Rose: Sim. E ela é uma doença que desequilibra nosso sistema imunológico deixando ele exposto a outras doenças graves como pneumonia, por exemplo.

Rose: Professora, como a AIDS é transmitida?

João: No contato com sangue.

Rose: Beijo transmite AIDS? Abraço?

Pedro: Só se tiver feridas.

Rose: Tem mais algum método que seja de proteção?

Bianca: Pílula, professora.

Rose: Pessoal, pílula protege contra doenças sexualmente transmissíveis?

Carlos: Sim.

Rose: ATENÇÃO!! Pílula não protege contra Doenças e sim contra a gravidez e mesmo assim não são 100%.

Rose: Existe mais algum método de proteção?

João: Não, que eu saiba.

Rose: Então, tem só a camisinha feminina, masculina e temos mais um que é o Diafragma, que protege, mas com baixa proteção.

Rose: Seu uso é similar ao da camisinha feminina só que este pode ficar por um tempo maior dentro do organismo da mulher.

Pedro: Então, só a mulher vai estar protegida nesse caso, professora???

Rose: Não, quando apenas um dos envolvidos usa proteção, todos ficam protegidos.

Rose: Gente, as camisinhas masculina e feminina e o diafragma são métodos que protegem 100%?

Carlos: Acho que Sim.

Marcos: Acho que não.

Rose: Não, gente, nenhum método é 100%.

Marina: A mulher do meu primo teve camisinha estourada professora.

Bruna: Professora, minha amiga esqueceu de tomar a pílula por um dia e engravidou. Pode acontecer?

Rose: Pode, pode acontecer.

Carla: Professora, minha mãe disse que não posso sentar em banco quente que homem sentou, porque posso engravidar. É verdade?

Rose: Isso é mito, não verdade.

Rose: Mas, meninos, nosso papo hoje é sobre proteção! Vamos voltar prá esse tema?

Rose: Se eu quero me preservar, eu uso a camisinha masculina ou feminina. Mas, eu posso usar, por exemplo, camisinha feminina e meu parceiro a masculina ao mesmo tempo?

João: Pode, significa que a proteção é dobrada.

Pedro: Doowww, claro que não né.

Clara: Também acho que não.

Rose: Jamais. Façam a melhor escolha, usem uma ou outra.

João: Por que não, professora, a gente não ficaria mais protegido?!

Rose: Teoricamente, sim, mas, na prática, não é possível, porque com o tempo as camisinhas vão perdendo a lubrificação natural delas e podem rasgar por causa do atrito.

Marcos: Só se não fizer sexo.

Rose: Então, quando estiverem nos amassos, lembre-se de mim e de nossa aula: USEM CAMISINHA! Vamos nos proteger para não pegar doenças!

Rose: Só para conferir, o que são DSTs mesmo?

Henrique: Doenças adquiridas na relação sexual sem proteção.

Rose: Maravilhoso!!! Lembrando que todo tipo de ato sexual pode transmitir doenças.

Rose: Mas será sempre assim gente?

Clara: Não!

Rose: Somente quando houver condições de higiene inadequadas e feridas.

Rose: E somente quando uma das pessoas estiver infectada!

Carlos: E se a pessoa não souber que ela está doente, pode passar doença?

Rose: Legal essa sua dúvida, Carlos. A pessoa pode estar doente e não saber. A doença leva certo tempo para se manifestar. Esse período é chamado de incubação. Mesmo a doença estando incubada, ou seja, escondida, ela pode ser transmitida sim. Por isso, o uso do preservativo é tão importante!!! A AIDS, por exemplo, pode ficar incubada por até 10 anos.

Henrique: 10 anos, professora?!?!?!?

Bruna: Credo!!!

João: Não vou transar mais, professora! Tô com medo!!

Rose: A relação sexual faz parte do nosso bem estar, quando ocorre no tempo propício e que o casal esteja se sentindo preparado. Uma relação com responsabilidade, com respeito pelo corpo do outro, pela pessoa do outro, independente do parceiro ou da parceira, deverá ser sempre algo saudável, sem que nenhuma das partes sintam-se pressionada. Converse com uma pessoa mais velha, de preferência, seus pais ou professores ou procure um médico para esclarecer suas dúvidas e conversar sobre seus medos. Cuidem-se, previnam-se!

Rose: Vocês entenderam gente... Sei que vocês têm muitas preocupações, muitas perguntas:

Rose: Mas já sabemos que a gravidez só ocorre com o que mesmo?

Marcos: Encontro do espermatozóide e o óvulo.

Rose: E isso só ocorre quando o homem ejacula dentro da?

Carla: Mulher.

Rose: Vale ressaltar que a relação sexual ocorre entre vários tipos de pessoas diferentes, com orientações sexuais diversas e que temos que respeitar as escolhas das pessoas. Zoar as pessoas porque elas são homossexuais, gays, lésbicas, não é legal!

Rose: Vocês gostariam de ser zoados por que torcem por time A ou B?! Ou porque praticam balé ou boxe?

Carlos: Não, é paia quando a galera fica te zoando.

Rose: Pois é, temos que respeitar o corpo e a escolha de cada pessoa. Todos querem ser felizes!! E a vivência da sexualidade nos leva também à felicidade.

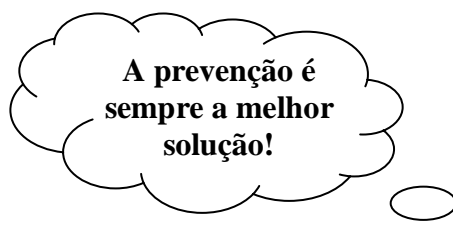
Rose: E aqui terminamos nossas aulas sobre sexualidade. Foi Legal?

Marcos: Massa, professora!

Carla: Tirei muitas dúvidas, professora!

Rose: Dúvidas sobre esse tema fazem parte da nossa vida, mas se lembrem de que podemos tirá-las com nossos professores e com o/a médico/a ginecologista ou urologista, além dos pais também.

Rose: Então, meus queridos, até a nossa próxima aula, quando faremos uma avaliação de tudo o que aprenderam sobre sexualidade! Espero que estejam se lembrando de que:



Observação: Como sugestão de avaliação podemos

citar uma prova convencional, projetos desenvolvido pelos próprios alunos, seminários de conscientização ou pedir aos alunos que montem uma campanha sobre sexualidade, etc.